



Taxa Paga
Portugal
Contrato 536425



Autorizado a circular
em invólucro fechado
de plástico ou papel.
Pode abrir-se para
verificação postal.

Autorização DEO0322077CE



O Gaiato

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

13 de Maio de 2017 • Ano LXXIV • N.º 1909
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio

Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

A grandeza do testemunho de vida de Pai Américo atravessa todas as diferentes posições pessoais e sociais das pessoas que o conheceram, nos seus anos de vida terrena ou posteriormente, é, como se costuma dizer, uma Figura cujo apreço é transversal a toda a sociedade.

Também a senhora Prof.^ª Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, o manifestou por diversas vezes. Agora que chegou ao final da sua vida, não podemos deixar passar este momento sem lhe dedicar um espaço no nosso O GAIATO, sinal da proximidade que mutuamente existiu, reproduzindo o texto com que apresentou o livro *Padre Américo – Páginas Escolhidas e Documentário Fotográfico*, uma segunda versão do mesmo Título da iniciativa do nosso mútuo amigo Editor José da Cruz Santos, em que faz alguns sublinhados a valores incutidos por Pai Américo na nossa Obra que podemos perceber terem estado também na linha que escolheu para conduzir a sua vida, outra espécie de “sacerdócio” exercido para a valorização dos seus alunos, multiplicada posteriormente na acção destes.

«BREVE APRESENTAÇÃO — Estas palavras destinam-se em especial àqueles que nasceram depois de 1956 e que podem, porventura, conhecer vagamente a figura e a obra do Padre Américo, ou, o que é pior, ter dela a imagem desvirtuada que alguns hoje ousam traçar. E isto, não obstante a existência de biografias e mesmo teses de doutoramento que entretanto se têm publicado.

Que a sua acção causasse estranheza no tempo em que ela principiou a fazer-se sentir não seria motivo de espanto. Fazer o elogio da educação por meio do trabalho numa sociedade que genericamente tinha (e tem) por ideal o lazer, era uma atitude difícil de aceitar. O próprio tinha disso noção clara quando escrevia, por exemplo “Tem-se escutado aos ignorantes um reparo muito severo à nossa organização com estas palavras textuais: ‘Fulano diz ser muito amigo dos rapazes mas obriga-os a trabalhar.’ [...] Ora a razão da minha amizade por estes rapazes consiste em levá-los mansamente ao gosto pelo trabalho e, uma vez assim afeiçãoados, eles mesmos, por suas próprias mãos, tomam-no alegremente de sol a sol. Pode ser que mais tarde eles venham a conhecer as oito horas de tra-

balho. Hoje, aqui em casa, conhecem e praticam horários mais altos.”

Essencial era também a noção de responsabilidade, a participação em vez de obediência cega e observância de normas rígidas: “Desejamos dar à Casa do Gaiato a feição de casa deles, para eles, governada por eles. É uma concepção de assistência inteiramente nova e altamente revolucionária, que foge à rotina clássica dos agentes de vigilância, nas congêneres obras sociais [...] Não queremos diminuir a sua personalidade, mas sim valorizar.”

E, como referência doutrinal, uma única: “Nós não temos um sistema. O nosso compêndio é o Evangelho.”

As citações deste género poderiam

multiplicar-se. O leitor encontrará estas e outras ao longo das páginas desta antologia. Mas o que não menos vai surpreendê-lo e atraí-lo é a flexibilidade de uma escrita que, da expressão solene de uma doutrina profundamente vivenciada, passa subitamente, com graça e naturalidade, à linguagem fluente e até coloquial do dia-a-dia nas Casas do Gaiato, em que os rapazes se servem e se ensinam uns aos outros, se entusiasmam com a criação dos animais da quinta que lhes estão confiados e, quando erram, se submetem à correcção fraterna e aprendem a libertar-se da asfixia moral

Continua na página 4



Texto com que Pai Américo legendou esta sua fotografia: “O Senhor das Dores”, digo, dos Aflitos.

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Do vento que soprou em Fátima

É a 13 de Maio, precisamente, que este jornal vem a lume, em ano jubilar do Centenário das Aparições de Fátima, marcado pela visita feliz de um peregrino especial, o Sucessor de Pedro — o Papa Francisco, cuja presença é iluminada pela Canonização de Francisco e Jacinta, os Pastorinhos de Fátima, que testemunharam um intenso amor à Igreja e especial devoção à Mãe de Jesus para se alcançar a paz no mundo. São dos tais pequeninos, do Evangelho, perdidos numa zona recôndita, em tempos de racionalismo e perseguição anti-cristãos. São acontecimentos que enchem de júbilo a Igreja e particularmente em Portugal. É inquietante como o impacto das notícias do que aconteceu em 1917 se tenha projectado como um fenómeno universal, devido ao alcance da sua mensagem.

De relance, à procura de água cristalina, fomos beber a uma das fontes, pois temos em mãos um opúsculo singelo e raro, intitulado *Os acontecimentos de Fátima*,

do Visconde de Montelo (Padre Manuel Nunes Formigão), datado de Janeiro de 1923, com o *Pode imprimir-se* do Bispo de Leiria, D. José. No início, reza assim: *Na manhã do dia 13 de Maio de 1917 um menino e duas meninas andavam apascentando, como era seu costume, um pequeno rebanho de ovelhas pertencentes a suas famílias, numa propriedade da serra d’Aire situada na freguesia de Fátima, concelho de Vila Nova d’Ourém, diocese de Leiria. A mais velha das três crianças, de nome Lúcia de Jesus, contava 10 anos de idade e era filha de António dos Santos, que faleceu no ano seguinte, e de Maria Rosa dos Santos. O menino e a outra menina, que eram irmãos, chamavam-se Francisco e Jacinta, tendo aquele 9 anos e esta 7 anos de idade. Foram seus pais Manuel Pedro Marto e Olímpia de Jesus Marto. Eram primos da Lúcia. [...] Aproximava-se naquele dia memorável a hora do meio dia astronómico. Segundo*

Continua na página 2

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

NUMA manhã pascal, enquanto rezava o ofício divino, calhou-me ler um trecho sobre a celebração da Eucaristia, cujo autor era S. Justino, um mártir do século II. A forma elevada como ele descreve este rito sagrado, deixa-me perceber o fervor irradiante da comunidade e do seu presidente.

A Ressurreição de Jesus, a todos contada, e a Sua presença, no que “já não é pão ou vinho vulgar (...) mas é a própria carne e sangue de Jesus incarnado”, que enche de alegria, coragem e determinação, cada um dos participantes “dos dons sobre os quais foi pronunciada a acção de graças.”

Ao ler a passagem completa do santo mártir, encho-me de arrepios lembrando a forma como alguns padres celebram os mesmos mistérios, num tom de voz e emoção, como se estivessem a transmitir a frieza descolorida da calçada que pisamos a pessoas que não conhecem o que é uma pedra, e, com tamanha rapidez que não se percebe e ninguém entende o que dizem.

O texto do mártir de S. Justino continua assim: “Os que possuem bens em abundância dão livremente o que lhes parece bem, e o que se recolhe põe-se à disposição daquele que preside. Este socorre os órfãos e viúvas e os que, por motivo de doença ou qualquer outra razão, se encontram em necessidade, assim como os encarcerados e os hóspedes que chegam de viagem, numa palavra ele toma sobre si o encargo de todos os necessitados.”

Era uma igreja viva com o fogo da ressurreição a aquecer-lhe a alma e a transmitir-lhe irrequietude e sagacidade de atrair homens para Cristo!

Dizem os actos dos apóstolos que os cristãos tinham a simpatia de todos. Não podia ser de outra maneira, pelo brilho de uma vida tão comprometida com o Mestre Ressuscitado.

Ontem, quando estava a preparar-me para dormir um pouco e refrescar a cabeça com algum descanso, telefona-me uma viúva doente, de idade avançada. Fazia-o pela quarta vez, naquele dia e na véspera, deixando-me o recado: — *Que fosse visitá-la, ouvi-la de confissão, lhe levasse os Santos Óleos e a Santa Eucaristia.*

Foram mais de três horas a escutar o seu sofrimento, as suas confusões e traumas provocados pela solidão.

Fez-me bem atender àquela pobre alma!... Os filhos e os netos vivem no estrangeiro e ligam pouco à mãe e avó. Pecados do mundo que a Igreja deve remir!

Como me lembrei da multidão de Vicentinos que Setúbal já teve. Aqueles Cristãos, aquecidos pelo fogo da Ressurreição e cegos às atracções do mundo, punham o seu tempo e a sua paciência ao serviço dos sofredores, consolando-lhes o coração.

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Joel

FUTEBOL — Foi realizado um jogo entre os antigos e actuais Gaiatos no nosso campo de futebol. Aproveitamos o feriado do dia 1 de Maio para nos podermos divertir, já que para nós o futebol serve para convivermos. Foi um grande jogo, sem confusões, em que a vitória foi justa para nós. Neste dia do trabalhador, quem teve mais trabalho foi o guarda-redes da equipa adversária. Os nossos parabéns para ele.

VISITA — No dia 25 de Abril vieram a nossa Casa os antigos gaiatos e familiares da Associação do Centro. Fizeram uma romagem à campa do nosso Pai Américo, e participaram na celebração da Eucaristia. Depois juntaram-se a nós e almoçámos todos no nosso refeitório. Acabado o almoço foram tomar um café ao nosso bar, e de seguida fui-lhes apresentar a nossa Aldeia. Esperamos que tenham passado um dia agradável na nossa companhia.

CAMPO — O «Meno» andou a sulfatar a vinha e o pomar para que as plantas se possam desenvolver bem. Esperamos que venham a dar bons frutos. Com o «Bruninho» e o sr. Jorge, fizeram a silagem das ervas de inverno. Este ano elas cresceram bem e serão um bom alimento para o nosso gado. Terminado este trabalho foi preparar os campos para a sementeira do milho.

HOSPITAL — Estão quase prontos os dois quartos que andamos a fazer na antiga rouparia para virem a ser usados por quem tenha dificuldade de se movimentar, tal como, em subir escadas. São dois quartos acolhedores, que esperamos deles gostem quem deles se venha a servir. □

MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

AGROPECUÁRIA — Pouca chuva tem caído, nos últimos meses. A bomba de água do poço, de recolha das sobras da fonte, avariou (estando a consertar), mas teve de se comprar outra, pois é necessária para a rega da horta e dos jardins. No olival da mina, andou-se com o escarificador para arrancar raízes de silvas e pedras. Deram-nos vários centos de cebolo, em Condeixa, que foram plantados na horta de cima. Foram semeados talhões de feijão rasteiro, pepino e pimento. Ainda se plantaram tomateiros. Foi cortada a relva do nosso campo de futebol. O jardim a norte desse campo, com relva nova, está bonito. Vão-se arrancando ervas daninhas nos jardins; e fez-se o seu tratamento nas calçadas. Foram adubadas várias plantas nos jardins.

PARTILHA — A 1 de Abril, alguns ferroviários portugueses, de vários serviços, organizaram um encontro anual na Granja do Ulmeiro, próximo da estação, no qual esses nossos amigos, generosos, recolheram géneros alimentícios para a nossa Casa.

Os jovens alunos e alunas do curso de Medicina Dentária, da Universidade de Coimbra, simpáticos, promoveram a 22 de Abril, Sábado, no Conservatório de Música, uma acção solidária para nós — a VI *Gala Sorrisos d'Ouro*, para a qual fomos convidados.

Vários jovens de Ansião vieram ao nosso encontro, a 26 de Abril com a sua amizade e partilha de fruta, o que é de louvar.

Os meninos e meninas do 3.º ano da Catequese de Santiago da Guarda, através do Sr. Padre Fernando, a 26 de Abril, enviaram-nos a sua partilha, acompanhada por uma linda carta.

O grupo de jovens de Árvore (Vila do Conde), com o seu jovem Pároco, Sr. Padre Diogo, tiveram a bondade de vir expressamente em autocarro à nossa Casa, a 1 de Maio, trazer bens alimentares que recolheram nessa comunidade.

Temos recolhido pão em padarias desta Vila e em Campizes (Ega).

A todos os nossos amigos e amigas que nos têm enviado as suas partilhas, de várias formas, alguns com regularidade, o nosso bem hajam e votos de muita saúde, neste tempo pascal! □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

AS DIFICULDADES DO DAR — Há dias, uma pessoa nossa conhecida fez um apelo ao seu grupo de amigos e conhecidos para apoiarem o que era, garantidamente, uma boa causa. O apoio podia ser em dinheiro, com contribuições a começar em 5 euros, ou podia ter outras formas. Nesse apelo, essa pessoa dizia aos seus amigos e conhecidos uma coisa do género: “Que ninguém me diga que não tem, pelo menos, 5 euros para contribuir”. Um desses amigos ou conhecidos, ao receber este apelo, reagiu mal, dizendo que não tinha gostado de ler esta passagem da mensagem, porque cada um sabe da sua vida. É verdade que quem assim reagiu esteve desempregado, e passou, ou passa, por algumas dificuldades, mas nada de viver na miséria ou sequer perto disso. Havendo vontade de contribuir em dinheiro, não é de crer que essa pessoa não pudesse arran-

jar os tais 5 euros, pelo menos. Mesmo que isso fosse difícil, havia outras formas de ajudar que essa pessoa conhecia e que não custavam dinheiro nenhum. De notar ainda, que a pessoa que assim reagiu teve uma ajuda substancial quando dela precisou, ajuda essa providenciada por quem lhe lançou esse apelo.

De qualquer maneira, não estamos aqui para julgar essa pessoa que assim reagiu. Não temos esse direito, nem é essa pessoa em concreto que aqui interessa. O que aqui mais interessa é vermos que esse tipo de reacção de certeza que todos nós já a tivemos várias vezes e sob várias formas.

Quando se trata de ajudar o próximo, ou nem sequer nos apercebemos da existência desse próximo, ou, se nos apercebemos desse próximo que precisa de ajuda porque alguém nos faz um apelo nesse sentido, várias vezes arran-

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Elísio Humberto

CONVÍVIO, 25 DE ABRIL 2017 — Conforme divulgámos, e era nosso desejo comemorar o Dia da Liberdade, a Associação dos Antigos Gaiatos e Familiares do Norte realizou um convívio na tarde de terça-feira, do próprio dia, no Largo Gamuz, junto ao Mosteiro de Paço de Sousa. Com espírito livre e aberto à presença e participação de toda a gente, compareceram algumas

dezenas de saudosistas — Antigos Gaiatos, Familiares e muitos conterrâneos amigos de Paço de Sousa — que se mostraram agradados com o evento.

Este, foi-se desenrolando ao longo da tarde, começando e terminando com a actuação da nossa Tuna musical (que estreou o equipamento novo de som), interpretando, e acrescentando ao seu já vasto repertório tra-

dicionais, versões muito originais de cantigas de Abril, com destaque para os acordes em coro e do agrado de todos, *Grândola, Vila Morena* eternizada por Zeca Afonso. Complementou-se com declamação de poesia de sentido à Liberdade, Igualdade e Democracia, dedicado a todos os presentes e homenageando assim todos os que lutaram por estes direitos contra a ditadura.

Também, e conforme prometido no programa, realizou-se o sorteio dos dois prémios, tendo sido premiados os números: 2.º Prémio, n.º 360 e 1.º Prémio, n.º 801, peru e cabaz da liberdade, respectivamente.

Fez-se uma pausa na componente sonora e artística, para dar lugar a outra “música”: o aguardado convívio gastronómico, variado e succulento, partilhado por todos. Até o Vicente gostou!

As horas foram avançando sem darmos conta. Mais umas cantigas e amena cavaqueira na assistência em jeito já de despedidas, finalizando assim este agradável programa, que nos deixou felizes. Obrigado a todos que nos estimam e estiveram presentes, e queremos dizer àqueles que não puderam vir, que estiveram no nosso fraternal pensamento. Até breve, com novas notícias. □



40.º Aniversário de Casamento da Ana Maria e do José Pinho (Antigo Gaiato de Paço de Sousa e Moçambique) — casados em 23 de Abril de 1977 pelo P.e Carlos e P.e Zé Maria.

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

o seu costume, as três crianças [...] puseram-se a rezar o terço do Rosário, devoção muito querida dos habitantes daquela freguesia. Mal tinham acabado de o recitar, quando viram de repente brilhar no espaço, a pequena distância delas, a claridade fulgurante de um relâmpago e aparecer quase simultaneamente, sobre a copa de uma pequena azinheira, um vulto radioso e encantador de mulher, de extraordinária

beleza. Mais adiante diz assim: A Aparição recomendou insistentemente que todos fizessem penitência e rezassem o terço do Rosário. Comunicou às crianças um segredo que não podiam revelar a ninguém. Prometeu-lhes o Céu.

Detemo-nos aqui neste relato para sublinhar que, a 13 de Maio de 1922, teve início a investigação canónica desses acontecimentos. E, em 13 de Outubro de 1930, o Bispo de Leiria, D. José Alves Correia da Silva, numa *Carta Pastoral sobre o culto de Nossa Senhora do Rosário de Fátima*, escreveu: *Havemos por bem 1.º declarar como dignas de crédito as visões das crianças na Cova da Iria, freguesia de Fátima, nos dias 13 de Maio a Outubro de 1917; 2.º permitir oficialmente o culto de Nossa Senhora de Fátima.* Numa visão cristã, é evidente que foi o povo de Deus que impôs Fátima à Igreja e ao mundo. Contudo, não constitui matéria de fé.

Estes brevíssimos dados servem para recordar esses episódios maravilhosos, conhecidos, cujo significado histórico foi traduzido por Paul Claudel, de forma lapidária: *Fátima é o maior acontecimento religioso da primeira metade do século XX, uma expressão transbordante do sobrenatural neste mundo prisioneiro da matéria.* Na verdade, a sua história inter-cruza-se com acontecimentos marcantes, desde a revolução

russa (1917), passando por duas guerras mundiais (1914-18 e 1939-45), o atentado ao Papa João Paulo II (13 de Maio de 1981) e a queda do muro de Berlim (1989).

Depois deste ligeiro intróito, conforme já anunciámos, decorre que o Padre Américo também não ficou alheio à evidência de Fátima para a Igreja e o mundo. Daí que acabou por aceder ao convite de pregar, no Santuário de Fátima, a 13 de Maio de 1952, a parábola do bom Samaritano, inquieto com o problema cristão do abrigo para pobres, sem casa digna, cuja grave carência habitacional procurou ajudar a debelar com o *Património dos Pobres*, sob o lema *Cada freguesia cuide dos seus pobres*. Da coluna que escreveu sobre o seu *sermão* [O Gaiato, 7-VI-1952], vamos reler e, mais adiante, escutar o essencial das suas palavras proféticas. Ora eis, actualíssimas: *Sim senhor. O vento soprou em Fátima no dia 13 de Maio, à missa dos Doentes. Eu tinha sido superiormente convidado e disse que não até ao último momento. Não sei como nem porquê e estando outro sacerdote pronto para subir, eu apareço e subo ao púlpito! O vento soprou em Fátima... Foi uma bomba, e o meu espanto é que o tenha sido, quando a verdade é que eu falei somente das minhas experiências do Pobre,*



SETÚBAL

Padre Acílio

Nêsperas

NUMA tentativa de tornar as cidades mais humanizadas e ser luz para quem programa os enfeites, as sombras e o jardim da urbe, plantei no nosso Lar — frente ao cemitério velho e junto ao muro do lado de dentro —, uma vedação de nespereiras que se tornaram árvores frondosas, galgaram com a ramagem o muro e a alta vedação metálica, dispondo, assim, os seus frutos ao alcance dos transeuntes.

Era, no meu sonho, exactamente para que os pequenos saciassem a sua sede de aventura, apanhando nêsperas do vizinho. Se a cidade fosse embelezada com árvores de fruto e os jardins enriquecidos com fruteiras, talvez se diluísse entre as populações a ganância do assalto, mas, como só nós pensamos e agimos desta maneira, aparecem os glútes, na frente de todos os que passam, sobem ao muro, trepam

a vedação e com baldes e sacos colhem as vistosas nêsperas para comer ou mercar. Até já aconteceu que advertidos, se revoltaram contra nós, nos ameaçaram com palavras torpes e até com violência física.

Deixando dentro do pátio, algumas nespereiras resguardadas e longe da passagem, iremos substituí-las por oliveiras que farão igual tapume sem exercerem o fascínio forte das rosadas nêsperas.

Silagem

É a segunda vez que, nesta época, cortamos o azevém.

A primeira cortadela deu cerca de meio silo de forragem, mas, esta segunda, encheu completamente o segundo silo que leva tanto como o primeiro e ficou coagulado a não poder levar mais.

Dizem os nutricionistas de animais, que esta erva, é muito rica em proteínas e muito boa

para aguentar vacas leiteiras, sem diminuir a sua capacidade, mesmo dando abundante leite.

Há dois anos fazemos a ceifa com máquinas alugadas, por serem mais rápidas que a nossa, mais eficazes e nos poupam esforço com a particularidade de a silagem ganhar qualidade pela pressa com que é feita. São dois dias de extraordinária azáfama mas acabando, é um descanso.

Foi providencial termos instalado a rega, pois sendo este Abril quente e seco, nosso azevém sempre com fartura de água fez-se em mês e meio.

Esperamos voltar a cortá-lo antes da lavra para semear o milho, em meados de Junho.

O nosso terreno é fértil e a sua produtividade é mantida com a abundância de estrume que, nos intervalos das sementeiras, nele derramamos e com o estímulo com que vamos ao encontro de alguma necessidade das plantas.

O adubo é-nos dado anualmente pela *Sopac*, ramo industrial da *Sapac*. Maravilhosa ajuda que aproveitamos quanto possível e nos mantém o coração agradecido.

Sumo de laranja

O nosso pomar carregou-se de laranjas de tal maneira que os frutos não atingiram, em boa parte, tamanho razoável para serem vendidos. Os rapazes têm apanhado as que caem no chão para fazer o sumo, numa máquina que até transmite ao precioso suco um agradável sabor à casca. Agora começamos a deixar as laranjeiras limpas de fruta, escolhendo as pequenas para o referido sumo e as maiores para a venda, pois as árvores estão de novo a cobrirem-se de laranjas.

O sumo é conservado na congelação, em garrafas de cinco litros e servido à mesa como bebida deliciosa. Os rapazes têm assim a oportunidade de verem crescer as laranjas, de as comer e saborearem o seu suave e doce sumo. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

Assim atraíam a simpatia de todos os homens, até dos mais descrentes e distraídos.

Os instalados na igreja não fiquem a pensar que a evolução dos tempos é causa desta indiferença religiosa que atinge, de forma tão violenta, a sociedade hodierna; mas, sim, que isto é consequência lógica da vulgaridade com que vivemos e celebramos a nossa fé.

São muitos os que me desafiam: — Você tem de pensar no seu continuador!... Mas como? Se o Evangelho está tão longe da vida Cristã e a pobreza, a sério, encanta tão poucos jovens? Preguar aonde? Só n' O GAIATO. □

DOCTRINA

Pai Américo



Com linhas da vida do Pobre também se borda a matiz

Chegava eu há dias do Porto, no rápido da noite. Fui o primeiro a sair as portas da estação, com pressa de chegar a Casa: «Onde estiver o teu coração, aí o teu tesouro». Duas mulheres seguem-me; e logo um homem e logo outro e mais um; e um mundo todo: carregadores, mirones, Pobres de pedir — gente de ninguém.

— Estamos à sua espera para pagar a passagem a este rapaz.

E todos à uma, contentes por eu chegar, contam de como haviam já mendigado algum dinheiro — «ora mostra, rapaz» — e de como ele não chegara para o custo do bilhete.

Tratava-se de um moço de ao pé de Braga, ceguinho, que viera pedir luz à ciência de Coimbra e foi-se embora às escuras; mais sabe quem pediu e quem deu para ele. Eu gosto tanto de dar aos cegos porque me não podem ver!

Não é a primeira vez que «aquela pobre gente», como tu dizes, espera que eu chegue de fora ou vai ao meu encontro, piedosamente, implorar a passagem de Pobres errantes, nomeadamente os saídos dos hospitais com destino às suas terras; não é.

Gente da vida airada, amigos da taberna, povoadores das cadeias, rentes nos lupanares, não sei que me dá no peito ao ouvir-lhes a voz sincera e embargada: «Ajude-nos, Padre, que é para este desgraçado».

Ai dos Pobres, se não fossem os Pobres!

— Vossemecê vem sem nada?

— Venho sim senhor. Às vezes mandam-me alguma coisinha à porta, mas hoje não. E são meus cunhados!

Trata-se duma família de Coimbra miseravelmente rica, proprietária de muitos prédios, em muitas ruas, a quem decerto pagas renda; e não tem nada que dar à sua própria família!

Os avarentos, quando ricos, são perigosos à sociedade e, como tais, deveriam estar sujeitos à tutela de alguém! Por algo os amaldiçoar o Evangelho.

Eu entrei na cadeia da Comarca onde me demorei três dias a pregar aos Reclusos. O carcereiro fechava-me às nove e abria-me às seis da tarde, ou às dezoito se gostas mais.

— Ora ainda bem que está connosco: o rancho vai ser melhorado por você estar.

Por este regozijo humano entrava eu em plena conquista de todos e de cada um daqueles homens, ainda dos mais criminosos — *primum vivere*.

Sentia que todos eram meus.

Um dia chegou o rancho às grades; era o último dos meus trabalhos. Fomos todos comer. Dirigi-me a uma bacia que estava ao fundo da sala, lavar as mãos. Volto-me para limpar e dou de cara com dezoito Reclusos que tantos eram os ocupantes da cadeia, cada um com sua toalha nos braços e estes estendidos para mim: «Limpe-se aqui!»

Eu limpei as minhas mãos pecadoras dezoito vezes, a dezoito toalhas. «Ande, Padre, que a toalha é minha».

Não era da prisão; viera de casa, lavada pela mãe ou pela mulher, direitinha do bragal. Era o melhor que cada um me podia dar naquela maré. O que não teriam eles dado se tivessem quê — «a tal pobre gente» de quem tu foges e falas!

Senhor Jesus, eu não troco por nada deste mundo a suprema ventura de curar com panos de linho os Membros doentes do Vosso Corpo, considerados sem cura!

Do livro *Pão dos Pobres*, 4.º vol., pp 207-209.

Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.org.pt • obradarua@iol.pt

www.obradarua.pt facebook.com/Casa.do.Gaiato

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo
N.I.P.C. 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 21400

Director: Padre Júlio

Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)

Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

Página da OBRA DA RUA na internet



Foi remodelada a nossa Página Oficial (site) na Internet, estando ainda em desenvolvimento.

A grande novidade é a criação do nosso Jornal O GAIATO digital, com a reprodução de todo o conteúdo do Jornal impresso em papel. Para poder consultá-lo basta fazer a sua inscrição como Assinante da edição digital, após a qual receberá autorização para fazer o Login que lhe dará o acesso às edições disponíveis — a partir de 1 de Abril de 2017. Tal como na edição impressa, não tem preço a assinatura da edição digital.

Poderá ainda aceder a todas as edições em papel d'O GAIATO (em PDF), desde o seu primeiro número.

Poderá também consultar e encomendar os livros da nossa Editorial e de outras que acompanhamos, bem como as fotos, postais e outras publicações que vamos desenvolvendo, e outras novidades.

Resta indicar o novo endereço da Página na internet que é www.obradarua.pt, também acessível pelo anteriormente usado (www.obradarua.org.pt). □

tendo ido buscar ao Evangelho a parábola do bom Samaritano. Tudo tão chão, tudo tão conhecido; diria mesmo tão vulgar, se o Evangelho tivesse vulgaridades. E foi uma bomba! [...] É a Verdade. Cristo Jesus é a Verdade. Anda-se tão afeito à caricatura que quando alguém mostra o Original, causa por isso nas almas uma autêntica revolução! Foi assim naquela hora. E aquela hora não foi minha. Eu não me atrevia. Eu disse que não até à última, mas o vento sopra onde quer...

Como informação, ainda era D. José Bispo da Diocese de Leiria (1920-1957) e Reitor do Santuário de Fátima Mons. Amílcar Martins Fontes.

Continuaremos com essa prática, melhor, oração de Fátima, impelidos pelo vento que sopra onde quer. E, agora, que o Santo Padre vem ao encontro do nosso povo, com matriz cristã, como peregrino de Fátima. A defesa da vida humana, desde a concepção à páscoa, e a promoção da sua dignidade, bem como os últimos e feridos da vida bem precisam do seu alento e da sua voz de Pastor que cuida das ovelhas mais frágeis. Será atrevimento dizer: quando conhecerá o servo de Deus Padre Américo, figura cimeira da Igreja em Portugal no serviço aos pobres e precursor do II Concílio do Vaticano? Bem-vindo, Papa Francisco! □

BENGUELA

Padre Manuel António

Vamos para a frente!

RECONHECER aos pobres o direito de ter o pão de cada dia é comprometer-se, até ao final, com as exigências do amor. Não se pode fechar o coração. Devemos sentir-nos verdadeiramente irmãos de todos os homens. Os mais pobres, porém, encontrem uma disponibilidade absoluta em nossos corações. É próprio do cristão, em especial, estar a favor dos pobres de sempre. Porém, não com meras declarações de princípios que nada solucionam, mas de verdade e com obras. Não se trata duma maneira teórica de reflectir. É o caminho certo para uma vida humana autêntica, realizada. Vamos, pois, ter esta verdade muito viva na consciência de cada um de nós. Não nos faltarão oportunidades, em nosso viver diário, de realizar este projecto de vida normal admirável. Quanta alegria, paz, encherão o nosso viver diário, se estivermos de coração sempre aberto ao pobre que nos bate à porta, com muita frequência. Coragem! Vamos para a frente!

Hoje é feriado, dia primeiro de Maio. Depois do pequeno-almoço, como é habitual, os filhos querem ir para a praia. O tempo de Verão, em Angola, está a terminar. Hoje, porém, está um dia bonito, com muito calor. Deste modo, a alegria é a nota dominante. Estes momentos, participados pelos filhos normais das famílias, mostram aos nossos rapazes que também são tratados como quaisquer filhos. O comportamento que a nossa querida Casa do Gaiato tem para com eles, é o da mãe de família dos

filhos sem família ou tendo-a, é como se não a tivessem. Deste modo, a sociedade é beneficiária da presença destes filhos que, doutro modo, seria muito prejudicada. A carrinha partiu para a praia, completamente cheia. O condutor foi o nosso querido Tchikambi, o motorista grande colaborador da Casa que o criou, até ao momento em que está a viver na sua casa de família. A sua autonomia não significa independência, afastamento, mas a forma de vida a que chegam estes filhos. Quem nos dera se abrissem mais portas para a autonomia dum grupo de rapazes que estão, neste momento, a ocupar o lugar dos filhos abandonados que batem à porta da Casa do Gaiato para serem acolhidos. Há falta de empregos na sociedade que lhes garantam uma vida digna. Por isso, não podem ser mandados para a rua. Temos que aguardar uma melhor oportunidade. Esta é, sem dúvida, uma das grandes ajudas a prestar à Casa do Gaiato por quem está em condições de o fazer.

Há dias, como é habitual, participei numa reunião do Grupo Comunitário do Bairro de Nossa Senhora da Graça, vizinho da nossa Casa do Gaiato. Os Leigos para o Desenvolvimento, oriundos de Portugal, foram e ainda são os grandes animadores de Grupo. O objectivo da sua acção é a descoberta dos grandes problemas sociais que afligem o Bairro e a busca da solução para os mesmos. É verdadeiramente eficaz o processo que está a ser seguido. São os próprios mem-

bro do Bairro que constituem o grupo e descobrem os problemas e buscam a solução para os mesmos. É, sem dúvida, um método verdadeiramente eficaz. Não são apenas os agentes de fora que actuam. Pelo contrário, os membros mais sensíveis e dispostos a trabalhar na solução dos respectivos problemas são parte integrante do próprio Bairro. Deste modo, estamos na presença duma Obra verdadeiramente activa: Obra do Bairro, para o Bairro e pelo Bairro. Na última reunião foram apresentados alguns problemas e as respectivas soluções. Um deles foi o problema da gravidez precoce, com as respectivas consequências pessoais e sociais. Graças aos esforços e interesse manifestado pelo Centro mais responsável, este problema está em vias duma situação melhor. É, sem dúvida, muito importante o fruto do trabalho efectuado. Outro problema é consequência do desabamento de muitas moradias, devido às chuvas torrenciais, fortes que aconteceram, há pouco tempo. Os membros do grupo sentiram-se verdadeiramente responsáveis e vão fazer tudo o que for possível para aliviar os irmãos que estão a sofrer.

O ano lectivo continua a fazer o seu caminho normal. Como acontece com os filhos comuns, nem todos têm o mesmo aproveitamento, em parte por culpa própria. Todos os dias, na hora do nosso encontro comunitário, ao fim do dia, faz-se uma recomendação insistente a todos os filhos para que aproveitem bem o tempo dos trabalhos escolares. □

de as apresentar, pois, de seguida, são incentivados. Uma fruta fora da refeição, um sambapito, tão apreciado por cá (sambapitos são doces arredondados). Há dias vinha o «Nelo» contente da escola, e de passagem pela varanda do refeitório pequeno, sem dar pela minha presença, disse aos companheiros: “hoje, com esta nota positiva de física, vou comprar uma goiaba”. Assustei-me com a sua determinação. Abri a porta e ele assustou-se também, e os dois fizemos a permuta: a goiaba nas suas mãos e a prova nas minhas mãos. É a motivação extrínseca por enquanto que dita o esforço do rapaz. Ele age exclusivamente em vista à recompensa, seja ela qual for, sambapito ou goiaba. A meta é a motivação intrínseca — que o rapaz chegue ao nível de realizar as suas actividades como resultado de uma decisão que vem de si mesmo e não só do ambiente externo. Por enquanto, vale a fórmula: livro + sambapito = a boas notas. A conclusão é de Pai Américo: «assim se vinca a personalidade de cada um na liberdade de escolhas». □

VINDE VER!

Padre Quim

Notas e sambapitos

COM as provas do primeiro trimestre a decorrer, conforme o calendário escolar para o presente ano lectivo, os rapazes andam empenhados em buscar sempre mais. E mais! Estudam uma hora e meia de manhã ou de tarde, alternando com o período em que têm as respectivas aulas presenciais, como é adequado e obrigatório para o ensino primário e secundário nos seus ciclos.

A motivação é importante para a realização de qualquer tarefa. É a energia indispensável que dinamiza a actividade humana. Pode ter outros nomes, mas haverá em todos eles características comuns — o motivo e o objectivo pelos quais o homem se verga para os alcançar, empenhando esforço e sacrifício diário.

Para os mais novos, a actividade estudantil é comparada a um fardo pesado, que se leva aos ombros em tempo de aulas. Muitas vezes, estudam como se estivessem a fazer um favor aos

superiores, aos pais, aos irmãos mais velhos, aos chefes... ou para não perderem alguns privilégios ou mesmo para fugir aos castigos.

A motivação direciona o comportamento para a concretização de um objectivo, privilegiando a satisfação da necessidade de realização, que é importante para todo o ser humano.

Particularmente, gosto de informar-me sobre o comportamento do rapaz na sua escola, assim como o seu aproveitamento em termos de produtividade. A construção de expectativas altas e positivas, comunicadas ao rapaz são capazes de o levar a alcançar níveis bastantes altos de competências para a sua vida futura. Acredito que o rapaz é capaz, mesmo quando ele pensa que não pode mais. Os incentivos são importantes, quando se sabe corresponder aos objectivos pelos quais eles são dados. Os nossos rapazes, na sua maioria, quando recebem as suas notas de avaliação escolares, têm o hábito

MALANJE

Padre Rafael

Memórias de Maputo

UM dia, regressava do campo e, ao chegar ao escritório da Irmã Quitéria, encontrei-me com um gaiato, o Mateus. O rapaz parecia ter uns onze anos. A Irmã explicou-me que teriam que mandá-lo para o Hospital de Maputo porque estava com as defesas baixas, fruto duma lista de doenças que não dá para contar.

Passados uns dias, fui visitar uma casa que acolhe meninas, em Maputo. São as Irmãs Mercedárias Missionárias, quem cuida delas. Uma missão saída das mãos do mesmíssimo Deus — dessas mesmas que tu vês na televisão — e que vi em directo, desta vez, sem anúncio, nem engano. A Irmã Cármen, uma aragonesa dos pés à cabeça, é a sua mentora.

Estando em Maputo, a Irmã Quitéria me pediu que visitasse o Mateus no hospital, pois já ali estava há vários dias. Eram os Rapazes que cuidavam dele, de noite e de dia não o deixavam um só instante. Pelo caminho ia a pensar e dizia a mim mesmo — vou perguntar-lhe o que posso fazer, comprar algo para comer ou beber que ele goste..., pensamentos que vêm à cabeça de um pai, quando tem um filho no hospital.

Quando cheguei, dei-lhe um beijo e perguntei-lhe... Mateus me respondeu, sem pensar duas vezes: — *Papá, reza comigo.* — Eu assenti com a cabeça. Ele, levantou-se da cama e sentou-se junto a mim. Começámos a rezar. Quando terminámos, dei-lhe um beijo, abracei-o e saí.

Neste momento, estou a preparar a minha mochila para ir a Espanha no dia 24 de Abril. Estarei com os meus Pais e os meus Irmãos, meus amigos..., e não poderei estar com todas as pessoas que amo por questão de tempo. Mas há um momento em que todos estarão no mesmo lugar ao mesmo tempo: no nosso coração, na nossa oração. No lugar onde nasce capacidade e se esconde essa capacidade de amor, que um dia Deus despertou. Porque, como se diz no livro *¿Quién puede hacer que amezca?* «Abrir os olhos pode levar uma vida inteira. O ver, é questão de um momento». □

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Continuação da página 1

da mentira. Espontaneidade, graças, habilidades, por vezes reincidências, há de tudo nestes pequenos quadros que se sucedem com encanto e frescura.

Mas não foi só a Casa do Gaiato e o Lar que a continuava na cidade, quando eles atingiam a idade de obter um emprego, foram também as casas construídas com o lema de Património dos Pobres, e não menos o Calvário, para recolher doentes pobres incuráveis, que o notabilizaram aos olhos do País. Veículo disto tudo era o jornal “O Gaiato”, que se lia com avidez; eram as práticas nas igrejas; as visitas aos bairros miseráveis. Pode afirmar-se que todas as classes sociais o conheciam e que a admiração era geral.

Por isso não surpreende que a notícia do acidente que o vitimou tenha desencadeado manifestações de dor em todos os lados, e muito em especial na cidade do Porto, que havia acolhido e acarinhado como sua a Obra de Paço de Sousa. Disso foi prova irrecusável a afluência da multidão em frente ao Hospital onde esteve internado e depois na celebração das exéquias. Gente, insistimos, de todos os quadrantes, pois, ao lado dos mais humildes, não faltavam os Professores da Universidade do Porto que, aparecendo revestidos das suas togas — ritual que é exclusivo dos actos académicos —, prestavam assim um testemunho solene que não significava ostentação, mas devoção ao Apóstolo do Bem.

É ocasião de renovar, nesta passagem do 121.º aniversário do seu nascimento, a homenagem a tão alta figura. E nada o poderia fazer tão bem como esta reedição da Antologia, que continua cheia de ensinamentos e actual como nunca.

Maria Helena da Rocha Pereira» □

PENSAMENTO

Pai Américo

A Obra da Rua é já, por si, uma afirmação da divindade de Jesus. Ela é o Mandamento Novo em marcha. O amor ao Próximo sem cerimónias, como Cristo quer que seja. [...] Pelo fruto se conhece a árvore. Pelas obras, o Mestre.

in *Notas da Quinzena*, pp 38-39.